“A disciplina da psicanálise é uma disciplina do real.”¹

Fernanda Otoni Brisset (EBP/AMP)

Agradeço a potência da conversação que tivemos aqui hoje: como ela nos ensina! A oferta da experiência analítica nos dias que correm e sua abordagem do sintoma sob transferência atualizam a profecia de Lacan de que a psicanálise é um pulmão artificial diante das consequências irrespiráveis para a humanidade provocada pelo avanço do discurso da ciência. Afinal, a transmissão da psicanálise e seus efeitos podem ser constatados não somente no caso a caso, mas também como seu perfume/aroma se expande na cidade e desperta, ao modo de uma contingência, um desejo de se analisar.

Para tanto, é preciso fazer a psicanálise existir na cidade! A pergunta da NEL sobre como instalar uma instituição de Orientação Lacaniana na cidade, onde pouco se conhece da prática analítica, dirige-se a cada analista que, com seu desejo e a partir de sua formação, sustenta uma orientação para o singular na sua prática nas instituições. E isso me parece um bom exemplo da aposta que fazemos quando falamos em manter viva uma rede de psicanálise aplicada na América Latina.

As instituições geralmente são marcadas pelo Discurso do Mestre a serviço da ordem pública, da profilaxia e da cura do sintoma. O desafio no dia a dia da psicanálise aplicada é introduzir uma torção para dar lugar à causa singular presente na urgência e que também participa, como sabemos, da solução sintomática. Essa parece ser a dobradiça que está sempre em jogo nas instituições onde quer que se instale o desejo de um analista, à espera de um giro contingente que permita subverter o Discurso do Mestre a favor do analítico. Introduzir um respiradouro. Nesse sentido, a psicanálise aplicada não vai sem o desejo do analista.

Isso nos interessa porque é da estrutura das instituições geralmente serem protocolares, com suas normas e prescrições, e não raro se orientam por um saber prêt-à-porter. A psicanálise, quando aí se instala junto aos outros discursos, como mostram os trabalhos, acolhe o singular, a relação com um corpo que se goza, com o Outro e seus arranjos inéditos, recepcionados nas manobras sob transferência. Um praticante orientado pela psicanálise, por sua experiência e sua formação, sabe que o saber que o guia está do lado do sujeito, isso que se mostra como original em cada um, portanto, irreduzível às suposições discursivas. Abre passagem para que esse traço singular possa advir, arejando e orientando a direção do tratamento. Se esse giro acontece, como Gustavo traz, a instituição como um Outro que não existe, mas que tem corpo, como bem disse

¹ Miller, J.-A., (2000-2001) El lugar y el lazo, Buenos Aires, Paidós, 2013, p.32.

Lacan, deixa-se tomar como um Outro que segue e se deixa usar como um parceiro na construção de um arranjo que seja só seu e de mais ninguém.

O caso de S., trazido pela NEL, ensina como o sujeito pode deslocar-se do significante “depressão” ao encontrar na surpresa de um significante novo – “transicionar” – as condições de nomear o real em si. O que é causa ganha o lugar de agente do discurso. O universal cede ao singular. O trabalho apresentado pela EBP testemunha como a presença de uma supervisora clínica, orientada pelo ensino de Lacan, pode dar lugar ao detalhe que se passava nas relações entre o praticante e o sujeito, permitindo ler o caso de outra maneira, mais além dos diagnósticos e protocolos. “A psicanálise não promete a cura absoluta do sintoma, mas certamente a redução dos estragos, sua transformação em alguma coisa mais suportável para o sujeito”², nos diz Éric Laurent, e esse caminho só é possível se o praticante ali se posiciona como um Outro que segue o real em jogo no sintoma e seu funcionamento.

Outro ponto que me chama atenção no convívio da psicanálise com os outros discursos nas instituições é notar como estar aí requer de cada analista praticante que também se engaje em um programa de investigação permanente sobre como abordar as disrupções de gozo que chegam na porta de entrada; como recepcionar e instalar uma clínica como um lugar de borda, mais além das classificações e os protocolos impostos para lidar com o que eclode como urgência na porta de entrada. A pergunta da querela do diagnóstico se desloca de “o que ele é” para “como ele funciona” a orientar as manobras da transferência. Temos aí a expressão da clínica do sintoma, do funcionamento, das conexões, dos ínfimos detalhes em que a orientação para o singular é a bússola. Ganham destaque a leitura do sintoma e seu saber fazer, a clínica dos nós, a borda, o corte e a costura, em que o ato analítico é crucial.

Isso exige do analista praticante, tal como indica Miller em seu curso *O lugar e o laço*, tomar distância do aparato institucional para ler o aparato do qual o sujeito se serve para sua montagem subjetiva. Ali, Miller vai dizer que o aparato institucional é sempre uma defesa contra o real, quer normatizar o sintoma, sua insensatez face à sensatez das normas do convívio social. Ao avesso, para a psicanálise, o sintoma porta algo que é o mais real, e ler no sintoma o que há de mais real é ler o que no *fallasser* não cessa de não se inscrever: o real de sua existência. É, portanto, na *não relação* com o mundo, ali onde o mundo *não funciona*, que o sujeito mostra

² Laurent. E. O tratamento das escolhas forçadas da pulsão - Entrevista com Éric Laurent. In: Responsabilidades: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2011/2012. v. 2, n. 1 (mar./ago. 2012) p.25.

sua originalidade. Então, perturbar a defesa para que a causa original de cada um tome a dianteira é a nossa orientação.

Mostra-se, nos textos trazidos aqui hoje, o que indica Miller sobre o ensino de Lacan: o pior está em qualquer “tentativa de normalizar os elementos que são intrinsecamente anormais: verdade, desejo e gozo”. A psicanálise aplicada à terapêutica dá um lugar a esses elementos anormais, “a disciplina da psicanálise é uma disciplina do real.”³ E a expressão do real é sempre fora do comum. O real é o que não dá sossego ao mestre e não encontra sossego em nenhum protocolo institucional. A surpresa do analítico está aí, quando o modo singular de funcionar orienta a prática entre vários e abre a possibilidade de subjetivação do sujeito, ao mesmo tempo em que leva a instituição a tolerar um real sem garantias ou previsão. A potência do que aí se mostra na experiência da psicanálise aplicada interessa à experiência da psicanálise de modo geral.

Alçar essa dimensão exige do analista, enquanto coisa furada e, portanto, placa sensível, seguir o que ressoa no ser falante mais além do “que ele é” em seu esforço de ler como ele se arranja com o real de sua existência, *pathos* impossível de negativizar. Mas seguir a sua expressão, sem sentido, requer um praticante sensível aos giros em espiral da *não relação*, com a qual se depara na contingência em sua própria experiência analítica, ou seja, exige do praticante uma posição analisante. Aí encontramos o laço entre psicanálise aplicada e a formação analítica. Um outro modo de ler o laço intrínseco entre psicanálise pura e aplicada.

“Afim, ninguém sabe o que é o bem, como obter o bem, nem dos sujeitos, nem da sociedade”⁴. Cabe a cada um inventar uma solução que seja própria”, só sua e de mais ninguém, fora das ofertas prêt-à-porter à disposição no discurso comum. É essa experiência que podemos transmitir e sustentar para dar lugar a uma Rede de Psicanálise Aplicada amarrada entre nós.

Para encerrar, eu gostaria de dizer que a Fapol seguirá cuidando de estabelecer as condições para manter a rede de psicanálise aplicada viva e desperta, estabelecendo a conversação permanente sobre a experiência analítica junto àqueles que a praticam nas instituições. É o nosso convite para seguirmos conectados, participando das atividades que estão por vir sobre a diversidade e singularidade dos impasses e invenções da psicanálise aplicada na América Latina.

³ Miller, J.-A., (2000-2001) El lugar y el lazo, Buenos Aires, Paidós, 2013, p.32.

⁴ Laurent. E. O tratamento das escolhas forçadas da pulsão - Entrevista com Éric Laurent. In: Responsabilidades: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2011/2012. v. 2, n. 1 (mar./ago. 2012) p.29.

Revisão: Gustavo Ramos.